



Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



**Forma e Conteúdo na Poesia I:
A herança clássica**

Aula 09



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 09

Forma e Conteúdo na Poesia I:
A herança clássica

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0



Aula 09 Forma e Conteúdo na Poesia I: A herança clássica

Apresentação e Objetivos

Olá, estamos começando uma nova fase em nossa disciplina. A partir de agora, e pelas próximas 05 aulas, vamos aprender alguns detalhes dos gêneros poéticos, sua história, seus principais aspectos formais e temáticos. Nesta aula, você vai conhecer a origem dos gêneros literários, começando pela distinção entre poesia e poema, além de algumas das formas clássicas mais importantes.

- Ao final desta aula, você deverá:
- diferenciar poesia e poema;
- compreender a origem da divisão entre os gêneros literários;
- conhecer os aspectos gerais da poesia épica.



Para Começar

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história, em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem.



Fig. 01 - mão escrevendo

Otávio paz, *O Arco e a lira*.

O poeta chileno Otávio Paz, em seu ensaio sobre poesia, *O arco e a lira* (1982), enumera, de forma transbordante, como a poesia vem sendo descrita ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, liberdade e abandono, submissão e revolução, a poesia suscita as paixões humanas e, como tal, pode ser tratada de forma bastante contraditória. Ao longo desta aula, vamos tratar um pouco sobre a poesia, mas principalmente sobre poemas, sobre os gêneros poéticos e sua gênese. Mas, qual a diferença entre poesia e poema, você sabe?



Assim é

1. Poesia e poema

Reforçando a pergunta: o que é poema? O que é poesia? Você diria que o texto de Otávio Paz, acima, é poético? Mas é um poema? Bem, na escola aprendemos que a diferença entre o poema e a prosa é que esta é escrita em frases, que se organizam em enunciados, parágrafos, períodos; enquanto aquele (o poema) se organiza em versos que se dividem em versos e estrofes. Pensando nessa diferença, o que você acha que definiria o texto de Otávio Paz? É difícil, não é mesmo? Porque, do ponto de vista da forma, ele se divide em frases e parágrafos, mas, ao mesmo tempo, a fluência do texto é extremamente poética.



Fig. 02 - Poesia

Massaud Moises (1987) nos lembra que o termo *poiesis*, de *poien* é grego, tinha o sentido de criar, imaginar. Em latim, a poesia era chamada de *oratio vincata*, isto é, linguagem travada, regrada, que se opunha a *oratio prorsa*, linguagem direta, livre. *Prorsa* transformou-se em prosa, em nossa língua. A etimologia das duas palavras já coloca a poesia em uma posição mais elevada, mais filosófica.

A palavra poema vem da mesma origem do termo poesia – *poieín* – e significa fazer. Tradicionalmente, o termo é utilizado para designar o texto em que o fenômeno poético se manifesta. Assim, tendemos sempre a confundir, chamando os textos de poemas ou de poesia.

De qualquer forma, o poema é sempre, a partir da definição que demos acima, um texto dividido em versos e/ou estrofes. O poema é, portanto, um texto. Um objeto concreto. A poesia, por outro lado, não tem essa concretude. Poderia ser considerada uma substância imaterial que dá vida ao poema, mas que também pode estar presente em outros elementos: uma paisagem, um quadro, um momento.

O fato é que não são as coisas, em si, que são poéticas, mas a provocação que essas coisas, em determinados momentos/situações provocam nos sentidos humanos. São assim, poéticos, os aspectos transitivos das coisas, que afetam nossos sentidos e nossa consciência.

Para Lyra, as coisas podem nos afetar a partir de três categorias que ele organiza da seguinte forma:

Categoria	Aspectos	
Duração	Novidade	Antiguidade
Magnitude	Grandeza	Pequenez
Aparência	Beleza	Feiúra

Fonte: Lyra (1986, p.10)

Essas três categorias podem nos afetar de diferentes formas e cada aspecto tem diferentes nuances de forma a constituir o poético a partir de uma situação de vida ou de linguagem. Assim é que algo pode nos chamar a atenção por sua novidade (uma paisagem que subitamente surge à nossa frente em uma viagem) ou pode também adquirir caráter poético por sua antiguidade, (seja uma ruína ou o retorno à cidade da infância). Para Lyra (1986, p. 18) “é toda essa carga de vida acumulada que o objeto antigo transmite ao sujeito que entra em contato com ele, e por isso se configura como poético.”

A grandeza, em geral, pode ser definida como o atributo daquilo que ultrapassa as medidas, a média. Para existir, no entanto, ela depende da pequenez, porque é justamente a medida da pequenez que determina o seu parâmetro oposto. Essas medidas e todas as suas nuances intermediárias, também causam efeito poético, como nos demonstra o soneto de Augusto dos Anjos, a seguir:

Quando, à noite, o infinito se levanta
À luz do luar, pelos caminhos quedos
Minha tátil intensidade é tanta
Que eu sinto a alma do Cosmos nos meus dedos!

A grandeza do infinito, do Cosmos, encanta o poeta que a transforma em poema. Já dizia Aristóteles, em sua Poética, que o conteúdo do épico é de vasto assunto, ou seja, tudo o que é vasto, grande, é assunto para os poemas épicos. Já a pequenez, seja pela sua fragilidade ou força, seja pela sua beleza ou por algum atributo negativo a ela atribuído, também pode adquirir uma tonalidade poética.

Da mesma forma, a beleza e a feiura. O belo e o feio podem ser explorados poeticamente de diversas formas, podem ser tratados, vistos, sentidos poeticamente em vários matizes. É evidente que há uma opção clássica pela beleza perfeita, pela simetria. Mas a modernidade, seja no gótico romântico, seja no simbolismo decadente também explora a feiura, caso do soneto **Remorso Póstumo**, do poeta francês Charles Baudelaire, em que o poeta representa a morte e um cadáver:

Quando fores dormir, ó bela tenebrosa
Em fundo de uma cripta em mármore lavrada
Quando tiveres só por alcova e morada
O vazio abismal de carneira chuvosa;



Fig. 03 - túmulo

Quando a pedra, a oprimir tua fronte medrosa
E teus flancos a arfar de exaustão encantada,
Mudar teu coração numa furna calada
Amarrando-te os pés na rota aventureira,

A tumba, confidente do sonho infinito
(Pois toda a vida a tumba há de entender o poeta),
Pela noite imortal de que o sono é prescrito,

Te dirá: "De que serve, hetaira incompleta,
Não teres conhecido o que choram os mortos?"
E os vermes te roerão assim como os remorsos.

Por todos esses aspectos, é que podemos perceber que é mais simples definir o poema que a poesia. O poema é o objeto em si, concreto, o texto. Poesia é algo mais fluido e indefinível, uma qualidade que, muitas vezes, carece de concretização dada pelos sentidos e pelo leitor, para existir no poema.

Mas, voltando ao poema, saber o que ele é nos ajuda a compreender sua forma? Ou seja, quando é poema? O poema é, já sabemos, escrito em versos. Pode ou não ser dividido em estrofes. Mas há tantas formas poéticas diversas que, para compreendermos, precisamos retomar um pouco da história dos gêneros literários. Para fazermos isso, retomamos Aristóteles. Antes de iniciarmos esse passeio histórico, no entanto, que tal dar uma paradinha e fazer um breve exercício?

Mãos à obra



1. Descreva um momento, um quadro, um texto que, para você, tenha carga poética.

2. Relembre um poema de que goste e defina, em poucas palavras, porque ele tem carga poética para você.

3. Indique o que você compreendeu acerca das categorias apresentadas por Pedro Lyra no quadro que compõe esta aula e como essas categorias interferem na natureza poética com que dotamos as coisas.

Aristóteles, como já mencionamos em aulas anteriores, foi o primeiro teórico a sistematizar o estudo sobre a literatura. Em seu livro *Poética*, ele inicia seu estudo já definindo dois aspectos muito importantes: a literatura é imitação (mimesis) e existe concretizada em três gêneros principais: a poesia épica, a tragédia e a comédia.

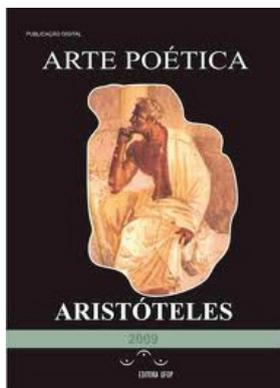


Fig. 04

Nosso propósito é abordar a produção poética em si mesma e em seus diversos gêneros, dizer qual a função de cada um deles, e como se deve construir a fábula visando à conquista do belo poético; qual o número e natureza de suas (da fábula) diversas partes, e também abordar os demais assuntos relativos a esta produção. Seguindo a ordem natural, começaremos pelos pontos mais importantes.

A epopéia e a poesia trágica, assim como a comédia, a poesia ditirâmica, a maior parte da aulética e da citarística, consideradas em geral, todas se enquadram nas artes de imitação.

Contudo, há, entre estes gêneros, três diferenças: seus meios não são os mesmos, nem os objetos que imitam, nem a maneira de os imitar.

[...]

É também essa diferença o que distingue a tragédia da comédia: uma se propõe imitar os homens, representando-os piores; a outra os torna melhores do que são na realidade.

(ARISTÓTELES, 2012, p.1)

O pensador grego deixa bem claro que as artes humanas são sempre imitação, que utilizam, para imitar, diversos instrumentos/linguagens: podem imitar a partir do gesto, do som, da palavra. Essa distinção do instrumento é a primeira que ele faz. A segunda seriam os objetos que imitam. Há, para ele, gêneros que imitam seres superiores e outros que imitam os inferiores. E ele os valoriza de acordo com esse parâmetro. Ou seja, trata sobre a épica e sobre o trágico, mas deixa o cômico para outro livro que, ou não escreveu ou não chegou até nós.

O gênero poético se dividiu em diferentes espécies, consoante o caráter moral de cada sujeito imitador. Os espíritos mais propensos à gravidade reproduziram as belas ações e seus realizadores; os espíritos de menor valor voltaram-se para as pessoas ordinárias a fim de as censurar, do mesmo modo que os primeiros compunham hinos de elogio em louvor de seus heróis.

(ARISTÓTELES, 2012, p. 5)

Aristóteles, portanto, não valoriza, a comédia, por reproduzir os indivíduos de menor valor. Mas também não valoriza o poema lírico, feito para ser acompanhado por um instrumento musical e cuja temática estaria mais voltada para a expressão de sentimentos individuais. Justamente esse o gênero que iria alcançar maior expressividade a partir da Idade Média e até a modernidade. Vamos falar mais sobre esse gênero na próxima aula. Por agora, vamos nos debruçar sobre o gênero poético mais nobre, de acordo com as categorias aristotélicas: o épico.

Quanto à epopéia, por seu estilo corre a par com a tragédia na imitação dos assuntos sérios, mas sem empregar um só metro simples ou forma negativa. Nisto a epopéia difere da tragédia.

E também nas dimensões. A tragédia empenha-se, na medida do possível, em não exceder o tempo de uma revolução solar, ou pouco mais. A epopéia não é tão limitada em sua duração; e esta é outra diferença. (ARISTOTELES, 2012, p. 8)

A poesia épica, para ele, é equivalente à tragédia, ao texto de teatro, quanto à imitação de homens nobres. Mas, diferente do teatro, não precisa se preocupar com o tempo, já que o teatro é feito para ser representado e não pode ser muito longo. O poema épico é feito para ser lido ou recitado, e não precisa se preocupar com o tempo de duração. Bem, para começar, a palavra épico vem do Latim *epicus* que se origina, por sua vez, do grego *epikos*, cuja raiz é *epos*, esta significava, a princípio, palavra, depois passa a significar verso, recitação. Então, a natureza poética da épica está na sua própria etimologia, certo?

Mas, o que seria o poema épico? Você já leu algum? Já ouviu falar? Vamos nos debruçar um pouquinho sobre ele? Leia o trecho a seguir:

As armas e os barões assinalados,	Se vão da lei da morte libertando;
Que da ocidental praia Lusitana,	Cantando espalharei por toda parte,
Por mares nunca de antes navegados,	Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
Passaram ainda além da Taprobana,	
Em perigos e guerras esforçados,	Cessem do sábio Grego e do Troiano
Mais do que prometia a força humana,	As navegações grandes que fizeram;
E entre gente remota edificaram	Cale-se de Alexandro e de Trajano
Novo Reino, que tanto sublimaram;	A fama das vitórias que tiveram;
	Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
E também as memórias gloriosas	A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Daqueles Reis, que foram dilatando	Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
A Fé, o Império, e as terras viciosas	Que outro valor mais alto se alevanta.
De África e de Ásia andaram devastando;	
E aqueles, que por obras valerosas	

(CAMÕES, 2012, disponível em:<http://www.oslusiadas.com/content/view/18/41/>. Acesso: 03 de fev.2012).

O fragmento acima compreende as três primeiras estrofes de *Os Lusíadas*, poema épico escrito pelo escritor português Luís de Camões, publicado, pela primeira vez, em

1556. Se você observar, Camões fala, no poema, sobre nobres que alcançaram mares “nunca dantes navegados” enfrentaram muitos perigos e lutaram muitas guerras para aumentar a extensão de um império, o lusitano. Por isso, ele se propõe a, cantando, espalhar por toda a parte (se a tanto o ajudar seu próprio engenho, ou seja, seu dom e sua arte), as façanhas dos nobres portugueses. A grandeza dessas façanhas são tantas que, para o poeta, ultrapassam as dos gregos e troianos, as de Alexandre o Grande e Trajano.

Observe também, que Camões insiste em afirmar que ele canta “o peito ilustre lusitano” que conseguiu dobrar até deuses como Netuno e Marte, por isso, as façanhas desse povo são o mais alto valor que ele poderia cantar.



Fig. 05

O poema de Camões, se desdobra em dez cantos organizados em estrofes de oito versos cada uma. São, ao todo, 1102 estrofes que descrevem vários episódios da história do povo português, com ênfase às aventuras do navegante Vasco da Gama em sua viagem para a Índia.

Os *lusíadas*, portanto, podem ser considerados um poema épico, se pensarmos na magnitude de seu conteúdo, toda a história do povo português, não é mesmo? Mas, na verdade, já se considera esse poema como um texto híbrido, com alguns aspectos do épico e variações mais pessoais, ou líricas. Há poemas épicos muito mais antigos que ele, caso dos

de Homero, por exemplo, que discorrem sobre as aventuras dos heróis que lutaram na guerra de Troia. A Odisseia é um poema que narra as aventuras de Ulisses (Odisseus, em grego) em sua viagem de volta à sua casa, após lutar em Troia. É uma longa viagem, cheia de aventuras em que Ulisses demonstra todos os valores positivos que compõem a figura de um herói grego: inteligência, força, beleza, altivez.

O poema épico é, na verdade, como você pode ver, uma grande narrativa. Para Aristóteles, como vimos, uma narrativa em que o tempo não tem uma importância significativa, em que se narram eventos do passado de um povo, em que essa narração conta a história de um herói, de uma busca.

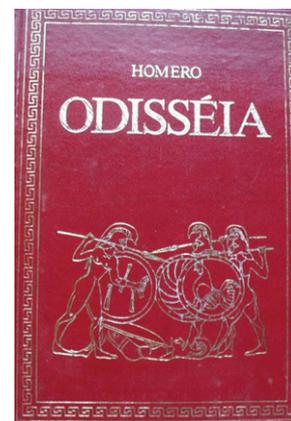


Fig. 06

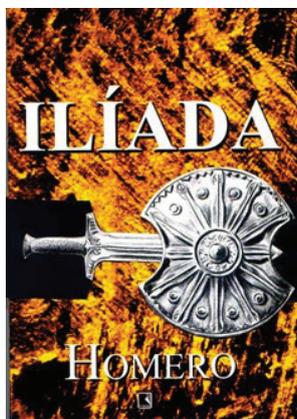


Fig. 07

Para Massaud Moisés, o épico seria uma categoria poética “assinaladora do momento em que o poeta alcança a maturidade interior”, pois, para ele, “todo poeta tende para o épico”. (MOISÉS, 1987, p. 238). Essa seria uma visão bem abrangente do épico, pois rompe as barreiras de tempo e espaço que, em geral, situam o épico como grandes momentos da literatura do passado. Ao mesmo tempo, essa visão abre perspectivas para

se conhecer poemas que, embora não tenham um formato do épico tradicional, pelo tema ou por algum aspecto formal, apresentam aspectos do épico.

Bem, mas o que caracterizaria, então, o épico? Em primeiro lugar, é um poema em que não importa a individualidade do poeta. Ou seja, apaga-se o máximo possível o “eu” e amplia-se a visão para o todo, para o mundo, para a terra inteira. O poeta também, ao voltar-se para o mundo, não só amplia sua visão, mas ingressa numa dimensão heróica, positiva, ativa,

Moisés (1987, p. 239), citando Bonnet, afirma que o épico exprime “as ações às quais atribuímos o caráter de grandeza”. Isso leva o poeta a também ingressar num mundo mítico, em que se apelam a deuses, ninfas, seres de toda a ordem que deixam ainda mais evidente a fragilidade da condição humana. Por isso, o ser humano, do poema épico, é um ser superior, cheio de virtudes, capaz de alcançar todos os seus objetivos, contando, inclusive, com a ajuda dos deuses.

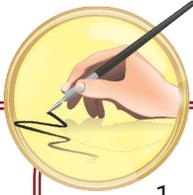
O que se diz do épico, portanto, é que é um poema que funda uma nação, pois traz um herói positivo, que apresenta os valores fundadores



Fig. 08 - El Cid

daquela identidade nacional e, em geral, narra um importante feito da história daquela nação. Na Espanha, por exemplo, *La canción de mio Cid* é considerado o texto épico fundador da nação espanhola datado de 1207. Ele narra as aventuras de El Cid, um cavaleiro medieval baseado na história de Rodrigo Dias de Vivar (1043 a 1099), nobre guerreiro espanhol que viveu no século XI, época em que a Hispânia se dividia em reinos rivais e em que mouros e cristãos se diagliavam. El Cid é descrito como um herói épico: nobre, valoroso, leal, justo, valoroso.

A poesia épica, diz Walter Benjamin(1980), é a mãe do romance, pois é nela que se concentram as grandes narrativas protagonizadas por um herói, embora haja muitas diferenças entre esses dois gêneros, até porque, o romance é escrito em prosa, não é mesmo? Mas essa é uma outra história, que não nos cabe desenvolver aqui. Bem, mas podemos dizer que entre as heranças clássicas que herdamos na literatura, o épico é uma das mais importantes.



Mãos à obra

1. Indique quatro características que definem a poesia épica.

2. Cite exemplos de outros textos que você acredite conter elementos épicos e justifique sua escolha.



Já sei!

Nesta aula você aprendeu a diferenciar poesia e poema, conheceu a origem dos gêneros literários e aprendeu o que caracteriza a poesia épica em relação a outros gêneros. Tomou contato, também, com dois importantes poemas épicos da Literatura Ocidental: *Os Lusíadas* e *A Odisseia* e com um poema épico absolutamente relevante para o mundo hispânico: *La canción de mio Cid*.



Autoavaliação

Pesquise um pouco mais sobre Aristóteles, e leia A sua poética. Você pode encontrar o livro completo no site <http://www.dominiopublico.gov.br>, assim como diversas obras clássicas. Leia e resuma o que ele fala sobre: épico e trágico.

Um passo a mais



Tome contato com um dicionário de termos poéticos. Adquira um. Aqui, indico um que você pode encontrar em sebos reais ou virtuais e que pode ser muito útil em seus estudos sobre poesia.

CAMPOS, Geir. **Pequeno dicionário de arte poética**. São Paulo: Cultrix, 1978.

Referências



ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf> . Acesso: 03 de fev. 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter et al. **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

(CAMÕES, Luis Vaz de. **Os Lusíadas**. Disponível em: <http://www.oslusiadas.com/content/view/18/41/> . Acesso: 03 de fev.2012).

LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. São Paulo: Ática, 1986.

MOISÉS. Massaud. **A criação literária: poesia**. São Paulo: Cultrix, 1987.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://trotedacidadania.wordpress.com/tag/poesia/>

Fig. 02 - <http://artequeepoesia.blogspot.com/2011/07/poesia-arte-do-encontro.html>

Fig. 03 - http://historiasoutrosmistérios.blogspot.com/2010/10/o-fantasma-de-ariella_22.html

Fig. 04 - <http://www.editora.ufop.br/?pagina=livraria&prod=dp&list=td&pg=1>

Fig. 05 - http://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Lus%C3%ADadas

Fig. 06 - <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-425640300-livro-odisseia-homero-frete-gratis-JM?redirectedFromParent=MLB229358284>

Fig. 07 - <http://valiteratura.blogspot.com/2011/04/iliada-homero-epopeia-classica.html>

Fig. 08 - http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:El_Cid_em_sua_Última_Batalha.jpg